

As linhas políticas do MTST:

Resolução final do I Encontro Nacional (2011)

Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto

QUEM SOMOS?

O MTST é um movimento que organiza trabalhadores urbanos a partir do local em que vivem: os bairros periféricos. É um movimento de trabalhadores sem-teto que luta por moradia e por uma Reforma Urbana popular e classista. Mas o MTST não é um movimento de moradia. Lutamos por moradia, mas entendemos que esta luta é parte de uma luta maior por condições de vida dignas. Não é nem nunca foi uma escolha dos trabalhadores morarem nas periferias; ao contrário, o modelo de cidade capitalista é que joga os mais pobres em regiões cada vez mais distantes. Mas isso criou as condições para que os trabalhadores se organizem nos territórios periféricos por uma série de reivindicações comuns. Criou identidades coletivas dos trabalhadores entorno destas reivindicações e de suas lutas. Ao mesmo tempo, a organização sindical, no espaço de trabalho, tem tido enormes dificuldades em organizar um segmento crescente de trabalhadores (desempregados, temporários, terceirizados, trabalhadores por conta própria, etc.), a partir de transformações ocorridas no próprio processo produtivo, que tornaram as relações trabalhistas mais complexas e diversificadas. Assim, o espaço em que milhões de trabalhadores no Brasil e em outros países tem se organizado e lutado é o território. É aí que o MTST se localiza: Somos um movimento territorial dos trabalhadores.

NOSSOS OBJETIVOS

O MTST tem como seu maior objetivo a luta contra o capital e o Estado que representa os interesses capitalistas. Sabemos que na atual forma de organização social não há espaço para a realização dos interesses da maioria, os trabalhadores. Tudo é transformado em mercadoria, inclusive nós próprios e nossos direitos. Apenas uma minoria tem acesso a condições dignas de vida. E o Estado atende exatamente a esta minoria. Por isso nossa luta é muito mais ampla do que a conquista de moradia ou por melhorias na qualidade dos serviços e infra-estrutura urbana (abastecimento, esgoto, energia, asfalto, transporte, serviços de saúde, cultura, lazer e educação, etc). Acreditamos que estas melhorias são fundamentais e lutamos cotidianamente por elas, mas estão longe de ser suficientes. Queremos ajudar a construir uma nova sociedade, uma sociedade socialista, na qual não existam nem explorados nem exploradores e onde todos possam ter acesso ao que é produzido. Mas é preciso um intenso e longo acúmulo de forças para atingirmos nossos objetivos principais. Todas nossas ações devem estar voltadas para fortalecer nosso caminho rumo a estes objetivos. Isso significa ampliar nossa referência nas periferias urbanas, nosso número de militantes, nossas conquistas, nossa capacidade de mobilização, dentre muitos outros fatores. Podemos resumir esta meta na seguinte idéia: construção de poder popular. Ou seja, a realização efetiva do princípio de que só os trabalhadores podem resolver os problemas dos trabalhadores. Na prática, isso significa estimular e valorizar as iniciativas autônomas, construir formas de organização e de decisão coletivas, lutar por nossas reivindicações e direitos; enfim, não esperar nada de ninguém a não ser de nós mesmos. Assim, podemos dizer que nosso objetivo maior é a construção do poder popular, contra o capital e seu Estado.

NOSSAS BANDEIRAS DE LUTA

O direito à moradia digna é uma bandeira central do nosso movimento. Mas não é única: o trabalhador que não tem acesso ao direito de morar dignamente - o sem teto - também não tem o direito à educa-

ção, ao atendimento de saúde, ao transporte coletivo, à infra-estrutura básica em seu bairro e a muitas outras necessidades. É aqui que entra nossa proposta de uma Reforma Urbana. Defendemos uma transformação profunda no modo como as cidades estão organizadas. Hoje as cidades servem para dar lucro e são gerenciadas como uma empresa pelos governantes. Há gente que ganha bilhões com a expulsão dos trabalhadores para as periferias e com a precariedade dos serviços públicos. Expulsando os mais pobres do centro, os especuladores de terra e empreiteiros vêem seus condomínios de luxo, prédios de escritório e outras obras se valorizarem cada vez mais. Mantendo a saúde pública precária, ganham as empresas de planos de saúde; mantendo a educação pública precária, ganham os donos de escolas particulares; mantendo transporte público precário, ganham as grandes empresas de produção de automóveis; e assim por diante. Assim, a bandeira de uma Reforma Urbana popular e classista torna-se uma luta fundamental contra os interesses do capital.

NOSSAS FORMAS DE AÇÃO

As formas de atuação do MTST estão centradas na luta direta contra nossos inimigos. Isto é importante porque nos diferencia da maioria dos movimentos urbanos, que optaram por focar suas ações na participação institucional: negociações de projetos com o Estado, participação em Conselhos (conselho de habitação, das cidades, orçamento participativo, etc.) e parcerias com os governos. Embora, o MTST também saiba negociar, para nós esta parte do processo está sempre em função das mobilizações e ações diretas de pressão. Nossa forma de ação mais importante são as ocupações de terras urbanas. Com elas pressionamos diretamente os proprietários e o Estado, denunciando o problema social da moradia e construimos um processo de organização autônoma dos trabalhadores. As ocupações são sempre acompanhadas de uma pressão focada nos órgãos do Estado, com marchas e ocupações de prédios públicos. Entendemos também que as ocupações de terrenos nas periferias devem ser potencializadas como uma porta para o trabalho comunitário nos bairros próximos. Não podem

ser uma ilha de lutadores; mas devem avançar para uma integração com as demandas dos trabalhadores que não participam diretamente dos acampamentos, ampliando nossa referência. Por fim, uma forma de ação que é estratégica para o MTST são os bloqueios de rodovias e avenidas importantes. Por essas vias circulam as mercadorias das fábricas até os locais de venda, o que faz com que nossos bloqueios representem para o capital algo parecido a uma greve: não conseguem vender suas mercadorias. Estas ações, por isso, afetam duramente o sistema, gerando enormes prejuízos aos ricos e fazendo com que nossas reivindicações ganhem uma importância maior.

NOSSAS ALIANÇAS

Nossos objetivos são muito grandes, mas nossas forças nem tanto. Por isso temos o desafio de acumular forças. E um ponto importante deste desafio é estabelecer alianças com outras organizações dos trabalhadores. Por mais que o MTST cresça, sozinhos nunca conseguiremos chegar aos objetivos que queremos. Precisamos, em primeiro lugar, construir alianças com outros movimentos de trabalhadores do campo popular e classista. Não só da cidade, mas também do campo. No caso dos movimentos urbanos, estamos decididamente engajados na construção da Resistência Urbana - Frente Nacional de Movimentos, assim como na aproximação com outros movimentos populares combativos. É fundamental para nós ampliar nossa aliança para o âmbito dos sindicatos, que organizam trabalhadores nas fábricas e empresas. Muitos dos sem-teto estão também em alguma base sindical. Desenvolver a luta conjunta é decisivo para o acúmulo de forças que pretendemos. Neste sentido, o MTST constrói ativamente a CSP-Conlutas (Central Sindical e Popular) e, ao mesmo tempo, atua decididamente na reconstrução da unidade com a Intersindical e outros sindicatos combativos, com os quais continuamos mantendo relações políticas. Além disso, mantendo nossa autonomia, devemos buscar alianças com outras organizações que defendam os mesmos objetivos que os nossos, sejam partidos políticos, igrejas, grupos culturais, etc. Nas alianças com os partidos políticos temos muito claro que o MTST

não atua no campo eleitoral e não aceita a participação de seus militantes, especialmente dirigentes, neste processo muitas vezes vicioso. Isto, porém, não significa um posicionamento a favor da abstenção. O Movimento pode apoiar candidatos que reconheça como efetivamente comprometidos com as lutas populares, que contribuam para a construção do MTST e de outros movimentos combativos. A questão fundamental é preservar nossa autonomia política e opção pela luta direta. Assim, somamos mais e mais para as lutas contra nossos inimigos.